



Descascar favas em frente à nossa cozinha.

PRATICANDO O BEM

Semana de Pastoral Social

PARTICIPEI, em dois dias e meio, na vigésima Semana Nacional da Pastoral Social da Igreja, em Fátima.

Pela presença de tantos Bispos verifiquei que esta iniciativa continua a empenhar fortemente os mais responsáveis da Igreja e este facto enche-nos de alegria.

À volta do tema «A acção social da comunidade paroquial actualização e rejuvenescimento» juntaram-se muitos cristãos para rezar, reflectir, comunicar, conviver e partilhar.

O tema é querido à Obra, por isso, fonte de alguma curiosidade.

Já sabia, que a ciência e a técnica iriam estar em evidência pela forma como eram divididos os temas e subtemas e, mais ainda, porque é mais fácil e menos comprometedor.

Na visão geral da pobreza e das carências de toda a ordem, o Padre Américo, com o fogo da sua fé límpida abriu de novo à Igreja um caminho pastoral que é o de sempre: — É pelos pobres que se evangelizam os pobres... e... os ricos.

O caminho dos Pobres manifestou-se sempre o caminho de Deus e não há via que leve a Deus senão a dos Pobres. Daí que «cada freguesia cuide dos seus Pobres».

A comunidade paroquial vista no contexto moderno abrange também, e mais estritamente, a comunidade eucarística.

A Eucaristia é a causa e o efeito do zelo pelos pobres, doentes e sofredores.

Sem este fervor toda a celebração do Mistério não passa de um rito vazio.

Isto é: A autenticidade vem d'Aquele que carregou e viveu o sofrimento humano, lhe deu pleno sentido e lhe concede toda a actualidade. Por isso, uma comunidade paroquial que não cuide dos seus pobres não passa de uma estrutura onde o povo religioso efectua os seus ritos.

Uma comunidade viva que celebra o Mistério Vivo só o pode fazer com a vida dos homens. Como o Mistério é de paixão,

morte e ressurreição só se pode actualizar enquadrado no homem, corpo místico de Cristo, sofrendo, morrendo e ressuscitando; tanto no plano sobrenatural do pecador que volta à graça do Pai como do sofredor que é aliviado pelo acolhimento compaixão e ajuda dos cristãos.

Hoje, da Missa, na Casa do Gaiato, participaram duas pessoas idosas, em cadeiras de rodas, e, no final, levei o Senhor a um doente. É o sacrifício continuado do Corpo de Cristo.

A Missa, pode até ser de festa, em diferentes etapas deste Corpo Místico e Histórico de Jesus continuado nos seus membros, mas carrega sempre a glória sofredora da Cabeça.

Os milagres materiais de Jesus: Curar doentes, dar vista a cegos, alimentar famintos e a ressuscitar mortos, etc., foram somente sinais da Sua força salvadora.

Havia no tempo d'Ele muitos doentes que não curou, muitos mortos que não ressuscitou e até Se insurgiu contra os que Lhe exigiam milagres desprezando a Sua palavra.

Continua na página 3

BENGUELA

Filhos criados trabalhos dobrados

Asabedoria popular diz muito bem: «Filhos criados, trabalhos dobrados». Os pais, que o são de verdade, confirmam o acerto deste provérbio. Nós também. Os filhos são a razão de ser e viver dos pais. As alegrias e as dores dos filhos são alegrias e dores dos pais. Esta comunhão de vida é a família. Ontem, em conversa com mãe aflita, de mãos na cabeça, porque sua filha estava a sofrer, experimentei a corrente de vida que liga os pais aos filhos pelos anos adiante. Quem dera a paternidade e a maternidade jamais se demitam das suas responsabilidades! Hoje, de manhã, em telefonema de saudação, outra mãe falava das responsabilidades acrescidas pela situação de desgraça que atingiu o lar de seu filho.

Por força da missão que nos foi dada e assumida, o nosso lugar é o de pais de filhos que o não são da carne nem do sangue, mas do amor gratuito semeado em nossos corações e cultivado com a doação diária da nossa vida, sempre cheia de muitos defeitos.

Embora longe, no espaço, chegam-me notícias consoladoras da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Um dos problemas maiores que nos aflige, quando os filhos chegam à idade de «filhos criados», é o emprego que lhes há-de garantir a integração social, à medida do cidadão normal. É verdade que os meios materiais são absolutamente necessários para a nossa vida, como o são para qualquer família. Contudo, são igualmente necessárias outras ajudas, como a abertura das portas das empresas, onde encontrem o trabalho que lhes há-de garantir um futuro digno. Vamo-los preparando, entretanto, nas oficinas que temos ao seu dispor, dentro da nossa Casa.

Ajudar a reconstrução de Angola é propósito básico da nossa acção. A dimensão humana ocupa o primeiro lugar. Investimos, nessa vertente, a parte mais nobre da nossa vida. Para lá canalizamos os apoios que nos são dados. Ai de nós, se fechásseis as vossas mãos! As oficinas da nossa Casa, que desejamos funcionem como escola de formação profissional, ocupam outra parte importante do nosso projecto. Nelas não-de construir-se centenas de carteiras escolares que vão substituir as latas e as pedras que servem de bancos em muitas salas de agora. Recebi, há dias, a notícia de que duzentas carteiras já foram encomendadas.

Continua na página 3

CALVÁRIO

Tempos novos

Asenhora Maria recolheu ao hospital com graves problemas de saúde. Passada a fase aguda da doença teve alta. Mas a pobre enferma encontrava-se dependente de outrém e os familiares peremptoriamente recusaram recebê-la. Era preciso encontrar um lar para a acolher. E começou então o rosário de pedidos de internamento.

As instituições locais e as regionais não abriram portas. Era demasiado pobre! Era muito séria e exigente a sua situação! E de longe veio para nossa Casa.

Temos recebido, ultimamente, algumas pessoas

idosas com problemas semelhantes de invalidez e de falta de aceitação nos seus lares e nos lares dos outros.

Diante destas pessoas mal amadas cheguei a esta triste conclusão: os mais velhos estão a ensinar aos mais novos como proceder quando os pais e os familiares próximos se tornarem estorvo nas suas vidas: metê-los em lares. O exemplo fica-lhes

na memória. E, mais tarde, os filhos vão achar normal proceder como viram proceder.

Não se faz o mínimo esforço para cuidar dos idosos. E ninguém quer inverter a marcha deste progresso. Pelo contrário: cada vez se constroem mais lares. E com eles nasce uma nova forma de solução social e de emprego e de lucro.

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Secretário de Estado das Comunidades

TIVEMOS uma visita muito especial, no dia três de Setembro: O Secretário de Estado das Comunidades. No mesmo dia que chegou a Maputo, veio almoçar a nossa Casa.

Como não podia deixar de ser, acompanhado pelo Encarregado dos Negócios da Embaixada e pelo Cônsul Geral, que outras vezes já nos têm honrado com a sua presença, alguns Acessores, pela Directora da

Escola Portuguesa e alguns representantes da Comunidade. Para assinalar no dia de Portugal e das Comunidades o apreço por esta Casa «cuja acção pela importância que assume no actual contexto moçambicano, merece ser apoiada» um dos carros vinha cheio de géneros, roupa, material escolar, brinquedos e uma carta bem recheada de notas e outra com os encómios.

Apresentei os rapazes, já reunidos para a

refeição, que receberam os visitantes com uma canção em português e outra em changana e ouviram, como de resto tem acontecido nestas circunstâncias, palavras muito incisivas de incentivo, porque «Moçambique precisa de gente preparada para os desafios do seu próprio desenvolvimento».

O tempo era pouco para ver tudo. Ainda desceu à Massaca para ver as centenas de crianças, na Creche, a quem falou um pouco e foi correspondido, em claro português, apesar de tão pequeninas. Passou pelo novo Berçário, quase acabado e admirou o Posto de Saúde que já teve ameaças de ser embargado, por não estar autorizada superiormente a instalação de uma sala de partos.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

O VISITADOR DO POBRE — Quantas atenuantes para as faltas dos Pobres, e quantas agravantes para as nossas!

Desde crianças ensinaram-nos a conhecer a Deus, a temê-lo e amá-lo. Educaram as nossas faculdades, desenvolveram os bons instintos e comprimiram os maus. Possuímos uma noção exacta do que é justo e injusto; a nossos olhos o vício aparece em toda a hediondez, e a virtude em toda a sua beleza. Como descermos tanto, se tudo procura elevar-nos? Como sucumbimos tantas vezes, se vamos para a luta armados com tantas condições de vitória? Diante do tribunal da justiça divina a nossa causa será bem mais difícil de advogar do que a *desa gente* objecto da nossa caridade, tantas vezes desdenhosa.

Reflectamos que a prosperidade facilmente se converte em orgulho cego; que, nós tão cuidadosos em averiguar se merecemos a nossa desdita, aceitamos a prosperidade como se nos fosse devida. Para penetrar na casa do Pobre com humildade de coração e inteligência, examinemos se, em seu lugar, procederíamos melhor; à vista das suas faltas; vícios; crimes, talvez, façamos esta pergunta a nós mesmos: — Seriam os pobres o que são, se nós fôssemos o que devíamos ser?

Conceição Arenal

PARTILHA — Vinte e cinco euros da assinante 35035, de Gavião. «É mais um grãozinho, meu caro Júlio, para suportar a miséria dos Pobres».

Outro cheque, «de Gavião também, vinte e cinco euros da assinante 35515».

Mais um cheque, de cinco euros, destinado aos mais necessitados, «pedindo uma oração pelos meus pais».

Montalegre: «Mais um cheque de duzentos e cinquenta euros para ajuda das despesas que suportam com os Pobres. Outro obrigado e cinquenta euros por tudo quanto têm feito e projectam fazer no desgaste que, quer queiram quer não, o trabalho ocasiona».

Outro cheque, ainda, de cem euros, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, «para serem aplicados onde falta mais falta».

Por fim, mais um cheque, de setenta e cinco euros, cuja senhora, de Aveiro, não esquece a nossa Conferência vicentina.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — As aulas já começaram. Os rapazes estão contentes, pois o que conta é o futuro de cada um. Esperamos que aproveitem.

HORTA — As couves estão a crescer, pois a chuva tem



Paço de Sousa — É com esta alegria e boa disposição que queremos começar a época de 2002/2003. Foi assim há dois anos quando visitámos o S. L. e Benfica (foto da nossa presença). Alguns já não fazem parte integrante da nossa família, mas nem por isso os esquecemos.

contribuído muito. Depois, vamos saboreá-las na sopa.

RAPAZES NOVOS — Vieram para cá três irmãos de Vimioso: o Carlos, o Manuel e o Octávio. Esperamos que se habituem ao nosso ambiente.

VINDIMAS — Estão quase a começar, quando recolhermos a uvas vão dar um bom vinho. Algumas serão para nos deliciarmos à sobremesa.

LAR — O nosso Lar está quase no fim da remodelação, está a ficar muito bonito!

Ilídio Polónia e «Gaivota»

DESPORTO — Começou a época desportiva. Os treinos têm sido intensos na preparação dos atletas para a nova temporada que se avizinha. Alguns jogos já têm data marcada, outros ainda estão na forja.

Temos algumas caras novas, no que diz respeito aos Iniciados. Nos Seniores, também há, mas já conhecidas do escalão inferior da época transacta. Andam todos com grande vontade de se prepararem, tanto física como psicologicamente, para mais este desafio: o de termos que enfrentar, com respeito e dignidade, todos aqueles que nos queiram visitar ou vice-versa, ocupando, assim, os tempos livres dos Sábados e Domingos. Nas épocas passadas sabia bem quando ouvíamos da boca do responsável da nossa Casa: «Então, este fim-de-semana, vai haver algum jogo?» Dava-nos força e sentíamos que o nosso trabalho não caía em saco roto.

Esperamos que esta época não seja diferente, e se for, que seja para melhor. Mas... já ficávamos satisfeitos se fosse igual!

Vamos continuar a trabalhar, e espero, que todos em conjunto, respeitemos a hora dos treinos e dos jogos. Nós sabemos que a vida, cá em Casa, não é só futebol, mas também faz parte do bem-estar dos rapazes.

Alberto («Resende»)

INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO DE VISEU — Já foi há muitos, muitos meses, mas a notícia escapou-nos na altura e só agora demos conta da nossa falta de correspondência a uma iniciativa tão amiga e cumprida com tanta delicadeza.

O Instituto Superior Politécnico de Viseu editou um livro chamado *Escritos de Meninos de Viseu*, coordenados por uma Professora sua; e dedicou a edição à nossa Casa. Trouxeram-nos bastantes livros e, dos vendidos, um cheque de duzentos e trinta e nove contos que o Senhor Vice-Presidente do ISPV fez questão de entregar pessoalmente.

As nossas desculpas por este lapso e o nosso bem haja amigo com os melhores votos para todos os intervenientes nesta boa acção.

LAR DO PORTO

«Fazer de cada rapaz um homem».

Sendo este um dos lemas de Pai Américo, esta Obra tem por meta dar um futuro promissor aos desfavorecidos da sociedade. Desta forma, todos nós somos incentivados a lutar pelos nossos objectivos, sem com isso desprezar e espezinhar o próximo, tendo sempre presentes os verdadeiros valores da vida.

Felizmente, somos uns afortunados, pois temos quem se preocupe connosco e ajude a instituição, por forma a esta ter as condições necessárias para garantir a nossa formação. Assim sendo, os rapazes da Casa do Gaiato têm à sua disposição um Lar que serve de apoio a todos aqueles que desejam prosseguir estudos.

O nosso Lar do Porto, reaberto há nove anos, apresenta-se, agora, de «cara lavada» após sofrer diversas remodelações. Foi sobretudo um ano de

sacrifícios e uma longa caminhada que teve início em Novembro de 2001. Mas valeu a pena, pois, agora, vivemos num «palácio»! Contudo, apresenta ainda alguns lacunas.

Ao olhar atentamente, saltame à vista a falta de determinados utensílios nas diversas divisões. Assim, na sala de estudo, um quadro branco de marcadores para servir de apoio às explicações, uma fotocopiadora, uma impressora e quatro computadores, servindo um deles para controlar os outros. Quanto à sala de estar, vejo uma sala vazia que precisa de um sofá de canto, uma cómoda de sala ou uma mesa bonita para pôr a televisão, uma carpete de 4x2 metros, meia dúzia de *poofs* e, finalmente, um bilharzinho para entretenimento dos rapazes. Para as restantes divisões da casa, seriam necessárias ainda duas carpetes de 6x3 metros, uma de 2x4 metros, seis tapetes de entrada de porta, um tapete para a entrada da rua, trinta e dois tapetes de cama, alguns quadros bonitos para dar mais vida à casa, e, por fim, dois conjuntos de sofá e *maples* com respectivas mesinhas para receber as visitas.

O primeiro passo está dado. Agora, só pedimos uma pequena ajuda para voar mais alto e mostrar que todos podemos ir mais longe, tendo sempre presente que Deus julga a árvore pelos seus frutos e não pelas suas raízes.

Daniel («Cenoura»)

SETÚBAL

CATEQUESE — É às quartas-feiras que a temos. Vamos ter grupos de preparação para o Baptismo, para a primeira Comunhão e para a Profissão de Fé. Os nossos catequistas são: a D. Selda, a Ana Teresa, a Patrícia, a Ângela, a D. Alzira e o senhor Aurélio. Os rapazes

estão todos interessados em se prepararem bem para receberem os Sacramentos, para conhecer melhor o Jesus e serem mais amigos uns dos outros.

RAPAZ NOVO — Veio para cá o Wilson, que tem oito anos. Ele gosta de ajudar na vacaria e de brincar. Esperamos que ele goste de viver connosco.

TRABALHOS — O grupo dos pequenos andou a arrancar ervas no pomar. É importante fazer isso para que as laranjeiras não fiquem sufocadas, e também fica tudo mais bonito.

O grupo da silagem já terminou o seu trabalho. Agora os campos vão ser lavrados e depois semeados com aveia e outras ervas. Tudo isto é para que as vacas tenham o seu alimento.

Outro grupo de rapazes andou a limpar a nossa mata. Valeu a pena porque ficou mais limpinha.

MÚSICA — O Danilo entrou este ano para o Conservatório de Música de Setúbal. Esperamos que corra tudo bem com ele, para que outros rapazes no futuro possam também estudar música no Conservatório.

Danilo Vezo

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Estão a avançar. Temos mais um pedreiro, mas os serventes são os rapazes. Vem aí o Inverno, temos que nos apressar a cobrir os telhados, por causa do mau tempo.

AGRICULTURA — Ainda faltam três terras de milho para recolher. O tempo chuvoso não tem deixado, nem recolher nem secar. Nós não compramos ração. Moemos o nosso milho no moinho e damos ao gado.

Aproveitamos o tempo húmido para semear nabo e plantar couve. Plantámos na nossa horta quase trinta centos de couve portuguesa a pensar já na ceia de Natal. Ainda temos feijão semeado. Se o tempo permitir ainda produzirá.

PECUÁRIA — Às vezes, o rapaz do gado descuida-se com o seu tratamento. Agora está melhor. Temos porcas acabadas de parir. Todos gostámos muito de leitão assado no nosso forno. Temos muitas galinhas e patos.

PÃO — Voltámos a fabricar o nosso pão com mais frequência, pois deixou de vir do *Continente*. Já tínhamos saudade do nosso pão! É o Zé «Pinóquio» que orienta a amassadura, ajudado por outros rapazes. O nosso pão ainda é amassado à moda antiga, à mão. Não há pão melhor do que o nosso!

PRESIDENTE DA REPÚBLICA — Tivemos a honra de ser visitados pelo Presidente da República. Quando ele chegou, estávamos todos na sala de jantar. O nosso Padre João deu-lhe as boas vindas. Depois, ele agradeceu e falou com alguns rapazes. Andou de mesa em mesa. Dois dos nossos mais

pequenos ofereceram-lhe dois pães dos nossos. Esperamos que tenha gostado do nosso pão! Um dos mais velhos ofereceu, em nome de todos, uma peça feita na nossa serralharia. Ainda, visitou várias partes da Casa: a cozinha, algumas camaratas e a sala de convívio. Depois, foi a despedida. Vieram muitos jornalistas e a TV. Alguns rapazes apareceram nos jornais e até na Televisão.

FUTEBOL — Começamos os treinos de futebol. Os jogadores estão prontos para enfrentar qualquer equipa. Temos a certeza de que nenhuma equipa nos vencerá. Ficamos à espera que nos contactem.

ESCOLA — Já começou. Este ano quase todos os estudantes foram para o Lar de Coimbra. Só cá ficaram os rapazes dos alternativos. Também os da formação profissional ficaram no Lar. Esperamos que todos se esforcem para tirar boas notas. Sem estudo, não conseguiremos um bom emprego.

Carlos («Alentejano»)

ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Em 14 de Setembro, deslocou-se ao concelho de Miranda do Corvo o Presidente da República, tendo visitado também a Casa do Gaiato, pelo que, a convite do nosso Padre João, fizemos deslocar ali uma representação da nossa Associação.

No dia seguinte, Domingo, como estava previsto, estivemos no Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Tábuas, Miranda do Corvo, apesar do tempo pouco promissor, o que terá afastado algumas presenças, mas que não foi de todo mau, permitindo-nos termos assim reunir um número razoável de pessoas.

No entanto, como estávamos em zona em que é possível utilizar um espaço protegido do mau tempo, quando a isso fomos obrigados, ali conversámos, almoçámos em franco convívio de amizade e satisfação, não tendo faltado as cartas como passatempo, além do que cada um levou de mais vulgar, uma panelada de entremeada, entrecosto e ossos, que a mulher do Carlos Manuel se lembrou de levar, tudo cozido e bem temperado que deu para todos e sobrou, mais um leitão à Bairrada e, de lá, devidamente acompanhado por umas garrafas de espumante, que o Campo Largo fez o favor de oferecer, e que fizeram as delícias de todos.

Claro está que não faltou o tinto e o branco, quer em garrafas quer em garrações, tendo fechado com vários doces.

O nosso Padre João, a nosso convite, apareceu com alguns rapazes da Casa, tendo todos almoçado connosco e ao fim da tarde retirámos com alguma chuva à mistura.

A todos agradecemos a colaboração prestada nos diversos aspectos e não podemos esque-

ENCONTROS EM LISBOA

Precisamos de um século de reflexão

HOUVE, nos últimos cinquenta anos, algumas palavras que marcaram o nosso quotidiano e passaram a fazer parte do nosso imaginário: progresso, desenvolvimento, êxito, prestígio, poder, sucesso. A nossa cultura ocidental viu grandes desenvolvimentos técnicos, êxitos económicos, sucesso no mundo da beleza, da moda e do desporto, poder no domínio das tecnologias dos armamentos e também grandes conhecimentos no mundo da saúde e da medicina... No entanto, ao entrarmos neste milénio e neste século, ficamos chocados com as assimetrias não só entre povos e continentes, mas no interior do mesmo povo ou da mesma sociedade. Parece que esquecemos que esta nossa terra é habitada por homens chamados a serem irmãos.

Dentro deste contexto, pode parecer ou como um escândalo ou como uma boa nova chocante o escutarmos a passagem do Evangelho de Jesus Cristo referente aos assalariados

para a Sua vinha. Os últimos, aqueles que só foram contratados uma hora antes do fim da faina, recebem tanto como os da primeira hora e são os primeiros a receber a paga.

Com esta nova lógica vemos aparecer a possibilidade de se restabelecer a justiça ao dar-se a mão àqueles que, por milhares de razões, se veriam excluídos ou marginalizados.

Existe em nossa Casa uma turma dita do Ensino Recorrente. Podemos dizer que é uma turma que, à primeira vista, nada indica como uma turma de êxito ou de sucesso. Integra os alunos que demonstraram que nada ou quase nada conseguiriam em termos de escolaridade normal e, quantas vezes, também o lado psicológico se encontra fortemente afectado. Exige, esta turma, muita paciência. Um recomeçar quase diário sem desfalecimento nem desânimo. Um esperar que o tempo vá passando e algo se organize na sua identidade psicológica.

Praticando o bem

Continuação da página 1

Factos visíveis, palpáveis que deixavam os seus contemporâneos cheios de assombro!... — «Deus visitou o Seu Povo».

Assim a Caridade da Igreja: Prova evidente que Deus está no meio dos homens.

Toda a Pastoral passa por aqui. Sem Caridade nada.

Os mais excluídos, os me-

nos amados, os mais repelentes sem limites nem fronteiras, são eles a herança da Igreja, e é por eles que se manifesta o Poder Redentor de Deus!

A técnica é importante, a ciência indispensável, mas o espírito é tudo.

A fonte material de toda a acção da Igreja tem de ser sempre, em primeiro plano, a pobreza efectiva e material dos seus promotores.

Um pastor pobre, rodeado de agentes enamorados da pobreza, são a melhor rectaguarda para todas as acções: Sabemo-lo, não porque o tenhamos aprendido nos livros ou nos discursos, mas porque a experiência da vida no-lo ensinou, confirmando toda a revelação divina e a Tradição da Igreja.

A pobreza é, ainda, o melhor escudo contra todos os farisaísmos a que estamos sujeitos e sinal eficaz de que trabalhamos por amor!

Quem dera que a Pastoral Social vivida na Fé, fosse uma experiência, uma celebração e uma evidência de Deus, confirmando as profundas convicções que determinam os seus agentes!... Quem dera!...

Poderão nessa altura expressar-se da mesma forma que o Padre Américo, arrebatado pela prática: «Cada comunidade paroquial, cuide dos seus Pobres». E a catequese como a Liturgia serão vivas e abundantes.

Padre Acílio

Em directo com os rapazes

DURANTE três reuniões os vossos Padres partilharam a experiência vivida convosco, relativa ao estatuto económico dos que já trabalham fora de portas.

Acham uns, que deveis participar com a vossa cooperação nas despesas da Casa. Outros, preferem que quanto ganhais fique para vós. Tanto uns, como outros, não pensam tirar nada ao vosso pecúlio para as despesas da Casa.

Concluem, sim, que pedagogicamente, deveis participar, com a vossa generosidade na vida das comunidades.

Foi deixado ao critério de cada Padre o agir em cada caso como melhor entendesse. Ficou, no entanto, assente que os rapazes a trabalhar fora, serão obrigados a prestar contas ao seu Padre.

— Porquê?

— Podeis perguntar. Por sermos uma família com todas as consequências que isso acarreta, de compromisso convosco, agora e no futuro.

Não quereis, amanhã, ter uma casa vossa; uma família estável?

— Tereis de aprender a economizar, isto é: não gastar à toa e pretender amealhar o vosso dinheiro.

Hoje, tudo convida a gastar. Não ouves dizer que vivemos numa sociedade de consumo? E o que faz esta sociedade para se chamar «de consumo»?

— Convida-te a adquirir coisas que podes muito bem dispensar: tabaco, perfumes, telemóveis, roupas de marca quando tens em Casa tanta roupa; e até carros.

Qualquer rapaz, se não tiver cabecinha, fica sem nada ao fim do mês, sem dar por isso.

É por esta razão que os Padres, que vos amam e querem só o vosso bem, desejam ser para cada um uma defesa contra o consumismo, um travão na descida do gastar.

Um andar, T3, mesmo em segunda mão, não custa em qualquer parte, menos de oitenta a cem mil euros.

Como os irás arranjar senão guardares, já, os que te vão caindo no bolso?

Os Bancos, ao emprestarem-te

dinheiro, levam-te sempre *três por um*. Quer dizer, que *um* na tua mão vale tanto como *três* que venhas a pedir a qualquer Banco.

Sufocado, assim, quando te casares por uma quantia mensal pesada a pagar na banca, como poderás viver uma vida mais livre e desafogada?

Não entendes que é por bem que os Padres te impõem o dever de prestar contas?

Se economizares, darás mais força ao teu Padre que te ajudará na compra do teu futuro «ninho» para que a mensalidade não seja tão asfíxiante.

Não entendas esta atitude, como uma intromissão na tua intimidade. Não é nada disso. É só uma ajuda para que não resvales. Todos os pais de família do mundo, conscientes do seu dever, fazem o mesmo. Os Padres da Rua prezam-se de ser pais conscientes. Aceita o amparo do teu pai e presta contas para teres, amanhã, a tua casa e a tua família.

Se a tua opção for contrária, terás de te desligar da tua Casa, para assumires por ti próprio as despesas da tua vida. De contrário não amadureces quanto deves. Não te fazes homem!

Padre Acílio

cer a Comissão de Festas daquele Santuário que nos cedeu, como de costume, o espaço de que dispõem, onde até a água natural é muito apreciada.

Pensámos para o dia indicado a tomada de posse da Direcção, mas a falta de alguns elementos não nos deu essa oportunidade, pelo que teremos de marcar nova data, o que diremos a seu tempo.

Manuel dos Santos Machado

Calvário

Continuação da página 1

Por vezes há a capacidade para resolver o problema dentro de casa. Mas existe vontade nem isso parece já normal. Há no homem engenho e arte para resolver tantos problemas, mas não para enfrentar estas situações no local próprio que é a família.

A solução, por vezes, não é fácil, mas é sempre o mais fácil e não o mais adequado que se procura para a resolver.

Perdeu-se o espírito de sacrifício, de

entrega aos outros. O padrão que se estabeleceu na vida moderna leva a comportamentos levianos e desumanos. Para se seguir aquilo que a modernidade impõe e dita como consensual tem que se sacrificar alguma coisa. E os mais velhos, neste caso, são a oferta do sacrifício no altar da modernidade. Inverter o pensar e o agir do homem de hoje não é tarefa simples. O homem deixou de ser para muitos o centro da História.

Ainda ressoa aos meus ouvidos o clamor de um Pastor africano aos seus conterrâneos: «Não imitem os brancos, colocando os idosos nos lares, mas guardando-os em vossas famílias».

Tempos novos!

Padre Baptista

Temos a acompanhar esta turma, desde há vários anos, o Professor Vítor que incansavelmente vai experimentando novos métodos, novos temas a fim de motivar estes alunos. Criou-se uma amizade grande e uma vontade de acertar. Muitas vezes penso que o sr. Professor se daria menos penas se se candidatasse a outra escola onde o sucesso se medisse pelas passagens no fim do ano e pelo êxito em cursos importantes. Aqui, os resultados são sempre muito limitados, mas depois de todo este hibernar, é uma alegria ver estes rapazes a encontrar o seu lugar na sociedade, fazendo pequenos cursos, à sua altura, mas que lhes dão a auto-estima necessária para ganharem o pão nosso de cada dia com o suor do seu rosto.

Podíamos terminar com um conjunto de «ses»: se não tivéssemos olhado para eles a partir da sua dignidade de homens e só a partir das aparências?; se nos tivéssemos deixado derrotar logo no início perante indícios tão frustres?; se não tivéssemos tido um Professor que olhou para eles como o dono da vinha olhou para os operários da última hora?

Estou em crer que, depois de todos os progressos e êxitos do nosso tempo, precisamos de um século de reflexão e de acção ao nível da fraternidade humana, abrindo a nossa sensibilidade e o nosso coração para aqueles que vão ficando na «praça à espera que alguém os contrate».

Padre Manuel Cristóvão

Benguela

Continuação da página 1

Que mundo de esperança e de alegria! São os filhos que vieram do nada a erguer outros filhos que pouco ou nada têm. Preparam-se, deste modo, para entrar na vida que vai ser mãe e não madrastra. Alegrai-vos connosco.

Tudo o que fazemos é uma gotinha de água no oceano das necessidades de Angola. Sentimo-nos felizes se damos tudo quanto podemos. A dinâmica da vida a sério, a nível individual e comunitário, tem este ponto de partida.

Padre Manuel António

Moçambique

Continuação da página 1

Se levamos a parturiente ao Hospital, ninguém nos agradeça. Temos um carro e um motorista, que chamado a qualquer hora da noite, atende logo. Se a mãe se descuida e aparece tarde demais, à porta do Centro de Apoio e o bebé nasce ali mesmo, enquanto o motorista não chega, só nós nos continuamos a incomodar, proporcionando tudo para que não volte a acontecer. Até a parteira, *voová* Adelaide, já aposentada, acolhe imediatamente, pois mora a uns cinquenta metros. Quem se lembra da Obra do Samuel e Adelaide na Machava? É essa.

Não foi uma visita de cortesia, mas sinceramente prática e interessada. Não foi possível levá-los a todo o lado. O que seria muito bom, porque em programas de Cooperação para o desenvolvimento das populações nas Aldeias, há muito que a Espanha leva a bandeira.

Aproveitei sim, para lhe dizer da nossa mágoa, pelos revezes que os Padres da Obra da Rua em Portugal, têm sofrido da parte dos Serviços de Reinserção Social. Alguém, há muito, instalado num gabinete, não pode com as Casas do Gaiato, tem apoiado abusos dos seus funcionários, que por sua vez arranjaram todos os preconceitos, para retirar crianças que nos estão confiadas. Impõem saídas e entradas, como se elas fossem simples animais de recría, que só têm de ser tratadas com receituário de gabinete.

Quem absorveu da doutrina de Pai Américo «*E que fazer dos mais difíceis, dos mais repelentes, dos mais viciados? Amá-los mais, amá-los até ao fim. Baste-lhes a desgraça de o serem. Assim amou o Mestre, assim ensina o Evangelho.*», não pode ficar indiferente a atitudes arbitrarias de quem não os conhece minimamente, nem ao ambiente onde saíram, onde estão agora e para onde vão, para poder ajuizar, ao menos com prudência, da oportunidade de uma transferência. Muito têm penalizado, para não dizer revoltado, essas atitudes, aos nossos Padres, que por via disso, já têm sido chamados à barra do Tribunal. Não é por eles, é pelos rapazes que eles sofrem.

Dei o meu recado. Perante a importância da aproximação do Governo de Portugal a esta Casa, não são aceitáveis, como se costuma dizer, dois pesos e duas medidas.

Padre José Maria

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro, 62.500 exemplares.

Notas do Tempo

O ano lectivo começa com muitos sobressaltos que resultam de um conjunto de posturas sociais que inter-agem e produzem uma trama complicada para desembaraçar.

Por exemplo: na área demográfica, a todos os efeitos das migrações, quer internas quer as que levaram nas décadas passadas muitos portugueses a emigrar com a conseqüente rarefacção da população juvenil mais cedo verificada no interior do País, junta-se o abaixamento notável da natalidade que se vai sentindo já também no litoral.

Lemos, há dias, que se contam por mais de oitocentos milhares as crianças e jovens que desapareceram como utentes do parque escolar que ainda há poucos anos era insuficiente para as necessidades. A notícia de Escolas que fecham e da transferência de alunos que as frequentavam para outras que permanecem em serviço, torna-se uma realidade vulgar. Há duas ou três semanas fomos contactados por uma daquelas, disponibilizando mobiliário e outros materiais, mas tínhamos que os levantar num prazo muito curto porque as instalações iam ser entregues nesse mesmo prazo.

Por outro lado, do crescimento, divorciado da realidade anterior, de cursos superiores, nomeadamente na área do ensino (e em outras para as quais a docência foi frequentemente um escape) deriva um desequilíbrio que conduz à fatalidade do desemprego. E este constitui uma aflição a todos os níveis porque de difícil remédio.

Um velho e veemente sentimento me sugere um. Mas eu sei quantas dificuldades haveria a remover — o que não tornaria possível, pelo menos em breve prazo, uma resposta em quantidade. Mas que fosse uma pequena resposta, em qualidade... — e esta trouxesse em si um gérmen que a fosse ampliando! Falo da Cooperação, da cooperação com países de língua portuguesa que ainda não estão, nem estarão tão cedo, saturados de doutores e de técnicos em todos os campos do saber e da actividade humana. (Nem é que nós o estejamos em valor absoluto; sim relativamente às possibilidades de colocação.) Eis uma área privilegiada, tal como a da saúde — não é a primeira vez que nestas colunas o digo.

Mas este remédio é difícil — repito — porque, para além dos problemas diplomáticos e financeiros inerentes, a resolver prioritariamente, exigiria dos Cooperantes um ideal de serviço e, porventura de despreendimento, que não é vulgar

— nem temos que nos escandalizar que o não seja, de gerações crescidas em clima de facilidades, tantas vezes fictícias mas correntes nesta *era de consumismo*, que oxalá se aproxime do fim.

Se no próprio País a tentativa de fixar no interior Agentes do Ensino e da Saúde tem sido pouco conseguida, quanto mais o não seria para deslocarções a milhares de quilómetros, de onde se não pode vir nos fins-de-semana nem nas «pontes» nem nas férias, pelo menos as intercalares! As dificuldades a experimentar pelos candidatos a este desafio (E quer-se gente madura e algo vivenciada no exercício das suas competências, mas jovens, pelo menos na força da vida) somam-se as que nascem de pressões familiares, dos seus receios de insegurança no presente e quanto ao futuro. A Prudência humana é uma virtude que a História poderia registar como obstáculo a muitas grandes acções abortadas. Há que temperá-la com algum espírito de aventura, sobretudo quando esta visa objectivos de solidariedade, a qual, na medida em que faz crescer uns, produz reflexamente o crescimento dos que agem e tal constitui a sua grande compensação.

É difícil, mas é possível. Há exemplos realizados, quer individualmente quer por pequenos grupos, que confirmam a valia recíproca das suas experiências.

Temo-las nas nossas Casas de Maputo e de Benguela. E nesta cidade, há vários anos se mantêm grupos de «Leigos para o Desenvolvimento» de cuja acção até em nossa Casa se recolhem benefícios.

Há que olhar sem euforia, mas com realismo, esta oportunidade para tantos Professores que vão sofrer a amargura de não terem colocação, amargura mais profunda do que o já não pequeno prejuízo económico que tal representa.

Que o Ministério da Educação e a Secretaria de Estado da Cooperação se dêem as mãos (De compartimentos estanques entre os pelouros da *coisa pública* estamos todos fartos!) e tomem iniciativas neste sentido; e não compliquem, a ponto de esterilizar, as que forem tomadas por conta e risco de alguns valentes que dêem o peito à aventura de ir, não descobrir novos mundos, mas ajudar a humanização dos que lá vivem. Penso que estes valentes seriam os melhores apóstolos de mais generalizada valentia.

Padre Carlos

PÃO DE VIDA

Em nome do Pai...

«A glória de Deus é o homem vivo»
(Santo Ireneu)

JESUS de Nazaré era uma ameaça aos interesses instalados em Jerusalém e, por isso, foi condenado ao suplício cruel da cruz. Dos lábios do Crucificado saíram palavras de dor, que têm provocado dúvidas em Deus que entra na história humana: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mc 15,34). A Cruz é o sinal histórico e universal que liberta sempre quem se abandona naquelas mãos cravadas no madeiro. Faz bem *descer*, subindo aos gólgotas deste tempo, para tocar, como fez Jesus, os corpos em paixão, imagens d'*Aquele que é*, mas foi flagelado pela iniquidade humana.

À entrada de um belo jardim, na Torre, feito outro *Calvário*, contempla-se logo uma imponente cruz de granito, emoldurada pela verdura, mesmo em época de estiagem, contraponto das inundações catastróficas que o falso progresso, poluidor, vem provocando. Através dela, encontramos vestígios da humanidade ferida, nos membros vivos do Corpo do Abandonado.

Não nos sentamos na relva que a envolve, pois a adoração e a partilha, por excelência, acontecem no espigueiro do Pão vivo. Aproximamo-nos de um amigo, o Diamantino, vítima de acidente de trabalho, na construção civil, que afectou o lado esquerdo do seu corpo. Foi deixado num hospital, mas acabou por ser acolhido nesta família, de enfermos e irmãos, pelo *servo*

que, há mais de quarenta anos, aqui se entrega, radicalmente, na fidelidade ao Padre Américo.

Já é capaz de se alimentar pela sua mão e agradece sempre, com delicadeza, os gestos e as palavras de amizade.

Saberá que o nosso Redentor está vivo, como disse Job? Diante de um rosto que diz o seu nome, o que de mais importante tem, pois significa ele próprio, mas não sabe de onde veio nem o lugar actual do seu repouso, poderia ter-se revoltado contra Quem teria *permitido* a sua prostração no leito. Porém, este homem volta-se para o Transcendente, feito Homem das dores, que cria a pessoa humana só para o bem.

Uma vez, era o primeiro dia da semana, arriscámos perguntar: — *Sabes benzer-te?* Mesmo na horizontal, a mão direita fez logo, com perfeição, o sinal da Cruz. E, por fim, beijou o polegar! Nesse momento, lembrámos, com ternura, a mãe que o amamentou e quem lhe falou do Menino Pobre. Excelente argumento, trinitário, para descrentes e indiferentes... Afinal, ser cristão, bem entendido, não é ópio, mas segurança nos braços do Filho do Homem, penderes da árvore da Vida.

Muitos *obrigados* tem dito, a sorrir. Agora, no silêncio da noite, pacificante, deixa-nos segredar à luz cintilante da candea de azeite: *Obrigado!* Vimos, de novo, a grandeza do homem vivo, que não duvida da bondade divina.

Padre Manuel Mendes

PENSAMENTO

Quantas vezes não vê a gente nas ofertas mais insignificantes, grandes faúlhas de amor!

PAI AMÉRICO

SETÚBAL

Responsabilidade e fidelidade

TEMOS cá quatro rapazes com o nome de Daniel. Um deles já foi motivo de uma coluna n' *O GAIATO*. Dois deles ainda não provocaram motivos para isso. O restante, o mais pequeno em tamanho de todos, é aquele de quem vimos falar, e com ele por sinal, aprender.

Pois o Daniel, o «Resende» como é mais conhecido entre nós, fugiu de cá há quinze dias, quando andava a *vender* *O GAIATO* na cidade. Sabíamos já da sua tendência para as fugas, sempre com o mesmo destino — a família de sangue.

Desta vez não variou. Fez quatrocentos quilómetros em transportes públicos, quase todos de comboio e chegou, já a noite ia alta, a casa de uma tia. Não se vendo seguro aí, a tia queria fazê-lo chegar até nós, de novo se pôs a caminho, ao encontro do pai. Este pegou nele e levou-o ao Tribunal que o conduziu à Casa do Gaiato.

Eu não conheço a família de sangue do Daniel. Foi na Casa do Gaiato de Paço de Sousa que ele entrou na sua Casa. De lá veio até nós pelas razões atrás citadas e que são óbvias. Não conhecendo, mas pronunciando, não quero deixar de louvar a sua atitude que manifesta interesse real pelo Daniel. Quantas vezes a família de sangue é a primeira causadora do descaminho na vida dos nossos rapazes?!

O Daniel inspirou-nos confiança, daí lhe entregarmos a tarefa de distribuir *O GAIATO* e nos trazer o fruto da generosidade dos nossos amigos. Ele não resistiu à tentação, mas este fruto não lhe adoçou o amargo das saudades da irmã mais pequena. Belos sentimentos os do Daniel. Ficou a promessa de um dia a irmos procurar.

Agora vamos à razão principal que motivou estas linhas. É que o Daniel, coisa nunca vista, nunca abandonou o saco onde os rapazes transportam os jornais. Depois da longa caminhada e dos lugares e situações por que passou, nunca largou mão do saco d' *O GAIATO*. O dinheiro foi-se, a família também, quantos pensamentos e anseios no seu coração?, e o saco d' *O GAIATO* sempre colado à mão?!

Que gesto bonito do Daniel. Não é de espantar que tenha confiado nele! E hei-de continuar a confiar...

Que grande lição a do Daniel. Quando tantos são capazes de abandonar a mãe, o pai, os filhos, a mulher, o marido..., o Daniel mostra-nos o que é a responsabilidade e a fidelidade. Por sua mão entregou-nos o saco d' *O GAIATO*, o seu *saco da venda*.

Que o sangue mesmo que não azul, seja sempre rico em dignidade.

Padre Júlio

Padres africanos

QUANDO cheguei a Benguela encontrei o Padre Manuel António muito bem disposto e com o seu sorriso sempre acolhedor. Mas notei que estava cansado. São muitos anos de entrega ao serviço da Obra, na Casa do Gaiato de Benguela. Senti que necessitava de uma mão. Já era tempo de ter um Padre africano, filho desta Diocese, que colaborasse com ele.

Uma semana depois ouvi que neste ano foram ordenados oito Padres diocesanos. No ano passado, sete. E em 2000, foram treze Padres. O meu coração encheu-se de gratidão e dei graças a Deus por estes meus irmãos sacerdotes, pelo dom do sacerdócio, a maravilhosa vocação na qual participamos, não por sermos merecedores, mas porque Cristo nos amou e nos confiou este particular ministério de serviço.

Alegro-me também com a Igreja local que está a crescer. Benguela é a Diocese de Angola com maior número de Padres diocesanos ordenados para servir a igreja local. A nossa Casa do Gaiato faz parte desta Diocese e necessita de um Padre desta Igreja local que doe a sua vida para o serviço da Obra da Rua.

É lamentável notar que durante tantos anos de serviço nesta Diocese, tanta entrega e pelo testemunho de vida que o nosso Padre Manuel tem dado não haja um Padre africano desta Diocese interessado em servir a Obra.

Na Europa encontrei-me com alguns sacerdotes desta Diocese que estão ao serviço da Igreja de Portugal e Espanha. Confesso que pensei logo nas palavras do Papa João Paulo II, na sua visita a Moçambique «Sede missionários de vós mesmos, edificai a Igreja local». Antes de irmos para «fora» temos de olhar primeiro para as nossas necessidades locais. As nossas Casas de Angola necessitam de vocações.

Em Moçambique notei que haviam muitas dificuldades da parte da Igreja em considerar a Obra da Rua como uma Obra da Igreja.

A Obra da Rua nasceu na Igreja, inspirada no Evangelho e tem como objectivo acolher, amparar, assistir, compreender e amar os rapazes abandonados e fazer de cada um deles «um homem formado» e preparado para enfrentar a vida.

O Padre da Obra da Rua é um homem de entrega total ao serviço dos outros, em particular aos mais carenciados. Ele morre para dar a vida.

Que bom seria se os nossos Bispos em África encorajassem os seus sacerdotes a despertar o interesse de verem a importância da Obra nas Dioceses. Se por sua vez os Padres, principalmente os Reitores e Professores dos Seminários convidassem os jovens a entregarem as suas vidas ao serviço da Obra.

E nós, Padres da Rua, devemos rezar para que os jovens possam sentir-se atraídos pela alegria por nós projectada na nossa vida e ministério.

Padre Custódio